



Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus , David St. Clair (Translator) , Robert M. Levine (Afterword) , Audalio Dantas (Editor)

Download now

Read Online ➔

Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus , David St. Clair (Translator) , Robert M. Levine (Afterword) , Audalio Dantas (Editor)

Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus Carolina Maria de Jesus , David St. Clair (Translator) , Robert M. Levine (Afterword) , Audalio Dantas (Editor)

The powerful firsthand account of life in the streets of São Paulo that drew international attention to the plight of the poor.

**Includes eight pages of photographs and an afterword by Robert M. Levine
Translated from the Portuguese by David S. Clair**

Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus Details

Date : Published October 7th 2003 by Signet (first published 1960)

ISBN : 9780451529107

Author : Carolina Maria de Jesus , David St. Clair (Translator) , Robert M. Levine (Afterword) , Audalio Dantas (Editor)

Format : Paperback 208 pages

Genre : Nonfiction, Autobiography, Memoir, Biography, History, Classics



[Download Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus ...pdf](#)



[Read Online Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jes ...pdf](#)

Download and Read Free Online Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus Carolina Maria de Jesus , David St. Clair (Translator) , Robert M. Levine (Afterword) , Audalio Dantas (Editor)

From Reader Review Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus for online ebook

Carolina says

Livro difícil de ler, pois sua realidade é difícil. Carolina Maria de Jesus escreve linda e tristemente.

Fred Fisher says

I was attracted to this book in the first place as it was written in and is about São Paulo, Brasil where I lived shortly after this book was published. It is social commentary by observation and recording, much like People of the Abyss and other works. I was able to recognize the time and place and many of the names used. It is a bit of a dry read, after all, it is a diary. One of the reasons I find it important is in how it shows how little has changed despite all the struggle. In fact, life on Earth is getting to be more of struggle even though we have the means to relieve much suffering, both old and new. I thought this was well worth my time. I also think it is critically important to read the afterword. You will know why after you are finished.

Konserve Ruhlar says

Nas?l bir gazeteci tesadüf bulmu?sa bu günlü?ü ben de bir sahaf?n tozlu raflar?n?n aras?nda rastlam??t?m kitaba.?lgi çekici bir anlat?m,ç?ler ac?s? bir ya?ant?,inan?lmaz detaylarla yüklü bir kitap.Y?llar önce okumama ra?men hala haf?zamdad?r..

Lauren says

In high school, I'd sneak into the library at lunch (or while skipping phys ed) to read a few more pages of this book. It felt intimate, almost wrong to read. De Jesus is a gifted, emotive writer, burning to escape the impasse of the favela. Her daily entries are personal, pained, even mildly arrogant (can you blame someone who strives so hard to write that she searches the drug-infested streets for any loose slip of paper to write on?) I don't know what else to say about this except that it's an amazing document of poverty. These don't come around often.

blakeR says

Despite what Robert Levine tries to argue in the afterword, this book is primarily important as a historical document, not as a piece of literature. What's remarkable is *who* wrote it -- a black, slum-dwelling woman -- and not *how* she wrote it. In other words, what impresses is not the skill with which it was written, but that it was ever written at all.

Carolina Maria de Jesus was a singular woman; only such a woman could have possessed the determination

and audacity (and yes, the arrogance) to continue her passion amidst such deprivation and squalor. We are fortunate that she did, so that we have a better idea of *favela* life, but reading it still feels somehow voyeuristic, especially given that nothing ever improved as a result of her efforts.

She's not exactly likable either, and it's a strange conundrum as a moral reader -- writing such a record in these conditions requires a person to truly believe themselves superior to their surroundings. At the same time, however, that sense of superiority is not only off-putting but at times unjustified, given her behavior with her children, lovers and neighbors. It does drive home the corrupting influence of the *favela* upon all its inhabitants, but it's also important to realize that our narrator is virtually as unreliable as all of her condemned neighbors.

It also raises an interesting moral question, because in these circumstances of slum-dwelling we say that we want more of the people to behave like Carolina, to raise themselves out of it through an inner drive and self-discipline. But there's also something contemptible about her attitude toward her fellow *favelados*. She lacks almost any compassion for them and is constantly judging and insulting them. There's a lack of any semblance of camaraderie.

There's also the issue of her relative luck in being able to rise out of it. Being "discovered" by a journalist was about as likely as winning the lottery, so it's hard to argue that her rigorous moral character was her salvation. What if it had never happened? She admits herself she probably would have died soon, would have maybe even turned to alcohol. Then she would have been no better than any of her neighbors, even while still looking down on them.

I guess the real point is the loathing that such squalor arouses, not just for those around you but also, eventually, for yourself. Such loathing precludes any solidarity with your neighbor and thus any way of raising each other out of misery. Of course that is a larger point of which Carolina was probably unaware, but that we can arrive at it through her writing is a further demonstration of this book's importance.

It's a quick read, if repetitive and eventually numbing, and I'm glad to have read it. I don't know that I would necessarily recommend it to others -- if you're interested in an introduction to Brazilian slums, I think the movie "City of God" (*Cidade de Deus*) is a more compelling portrayal. Ultimately they're probably good to experience in tandem, so that you can see where the *favelas* began and what they have since become.

Not Bad Reviews

@blakerosser1

Monique Gerke says

Carolina....mulher, mãe "solteira", negra, catadora de papel, favelada, estudou até a segunda série do ensino fundamental.

Que mulher! Que lucidez nos seus escritos!

Confesso que não é uma leitura fluída, prazerosa...É literatura de confronto!

Confronto com uma realidade de fome, miséria, prostituição, alcoolismo, falta de sonhos e esperanças em um futuro melhor.

Todos deveriam ler esse livro. TODOS. As pessoas precisam compreender o que é uma favela e o porquê de a meritocracia não funcionar quando o direito mais básico e humano que é o alimento, não é assistido.

O livro me fez refletir no poder da literatura também! O quanto ela pode sustentar uma pessoa e a tirar (nem que seja por minutos) de uma realidade infernal e conceder instantes de paz.

O livro me marcou de uma forma especial, pois no início da faculdade, tive a experiência de trabalhar um ano e meio em um projeto que atendia cooperativas de reciclagem de lixo...o contato com a realidade daquelas mulheres me marcou muito na época! Mulheres abandonas com seus filhos pelo parceiros, que ralavam o mês inteiro para ganhar lá seus R\$ 500.

Carolina me lembrou delas.

Adriana Scarpin says

Com uma força ímpar, Carolina Maria de Jesus vai desvelando as agruras da vida (e morte) na favela, com uma vida miserável, jamais deixa diminuir a sua independência ou o amor aos livros e filhos em nome da sua própria rendeção financeira ou moral.

Felipe Vieira says

Esse livro é essencial e maravilhoso apesar de todo sofrimento e denúncia presente nele. Recomendadíssimo.

A resenha abaixo também foi publicada no site Prosa Livre.

Fome. Miséria. Labuta. Sofrimento. Racismo. Preconceito. Descaso. Fome. Fome. Entre tantos problemas, denúncias, anedotas e particularidades, o que mais ecoa nas anotações quase que diárias de Carolina Maria de Jesus em seu primeiro livro publicado, "*Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*", a fome é uma das realidades que mais se faz presente: não só na vida da própria autora, mas também de todos os moradores com quem compartilhava as mesmas ruas, as mesmas bicas d'água na primeira favela da grande São Paulo da década de 1950.

"*Quarto de Despejo*" é mais que um diário, é um livro denúncia que expõe as mazelas sofridas pelas pessoas excluídas da sociedade e afetadas pelo descaso dos políticos. As primeiras anotações narram um pedaço do mês de julho de 1955, em seguida, há um salto de alguns anos e novas linhas são escritas a partir de maio de 1958, depois 1959 e terminam exatamente em primeiro de janeiro de 1960. As narrações feitas por Carolina são feitas em uma linguagem simples e direta. A ortografia e a gramática deficitária foram mantidas pelos editores do livro para que demonstrasse de forma mais pungente os relatos ali descritos. Apesar de não ter completado o ensino básico, Carolina adorava ler. Por ser uma leitora assídua, é perceptível a forma como a linguagem culta das outras obras se faz presente na sua. Há uma variação entre o simples e o sofisticado na sua escrita. A meu ver, essa é uma das grandes potências da obra. Uma mulher que não completou os estudos, esquecida pela sociedade, mas que faz do prazer em ler e da sua necessidade de escrita um grito de protesto cru e verdadeiro.

Ao longo dos dias e meses descritos por Carolina, ficamos sabendo com clareza como é a sua rotina. Ela acordava cedo, buscava água da bica, arrumava o café da manhã para os filhos mais velhos João e José Carlos e depois os despachava para escola. Para ela, o ensino escolar era fundamental. Em seguida, alimentava a filha mais nova, Vera, e em seguida partia para a rua para catar papel, ferro e alumínio durante o dia inteiro, para depois vender e conseguir o dinheiro que seria essencial para comprar o alimento para o próximo dia. No entanto, nem sempre conseguia algo ou o dinheiro não era o suficiente e, nesse momento, a

dor da fome sempre aparecia: o medo de não conseguir alimentar os próprios, o medo de morrer de fome. Quando não conseguia, ela pedia aos vizinhos, as pessoas de classe mais abastada, ia em mercados ou frigoríficos para pegar o resto e fazer sopa. Quando não encontrava nada, chafurdava o lixo em busca do alimento. Em uma passagem do livro, ela descreve como isso se fazia presente na sua vida. “*1 de novembro ... Achei um saco de fubá no lixo e trouxe para dar ao porco. Eu já estou tão habituada com as latas de lixo que não sei passar por elas sem ver o que há dentro.*” Às vezes, ela até pensava em suicídio e incluía os filhos nesse plano, para que assim não sofressem mais com a fome constante. Sempre que isso a aterrorizava, ela escrevia em seu diário ou lia. Com certeza, é uma das partes chocantes para qualquer um. Essas passagens sobre a fome que assolava a favela do Canindé me lembram de uma familiar que também ia em mercados, feiras e sacolões catar restos e sobras para colocar no prato de comida e alimentar os filhos. A pobreza e a fome tinham dado uma trégua às famílias brasileiras mas devido à crise política dos últimos anos, o país pode voltar para a lista do Mapa da Fome. No entanto, esses não eram os únicos problemas que tinham destaque na vida de Carolina e no cotidiano da favela.

A violência era um problema constante e excessivamente narrado nos diários. A guerra entre os vizinhos que brigavam por causa de traição, por defesa da honra ou porque simplesmente não iam com a cara da outra pessoa. Os pequenos roubos também terminavam em brigas. A violência contra a mulher e o abandono de crianças também são bastante frequentes nas linhas que narravam o dia a dia da favela. Carolina tentava apaziguar muito desses conflitos por meio de conversas ou chamando a polícia para que resolvesse a situação. Carolina era uma mulher orgulhosa, politizada, firme e clara nas suas decisões. Por isso ajudava, de certa maneira, a resolver alguns desses problemas que chegavam até sua porta. Ela afirmava que o povo que residia no Canindé, os favelados de uma forma geral, não possuíam educação e, por isso, viviam brigando e tomando conta da vida dos outros.

São indiscutíveis as passagens de racismo presentes no livro. Em certo momento a autora relata: “*No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não me entristeço.*” Carolina tinha consciência do sofrimento que a afligia por ser uma mulher de pele escura em um espaço em que quanto mais branco a pessoa fosse, mais privilégios ela detém. Mesmo assim, ela não se deixava abalar e mostrava o quanto se sentia bem com a pele que a revestia. “*Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo do negro mais idêntico do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que reincarnações, eu quero voltar sempre preta.*” Não só ela, mas também todo o negro presente em solo brasileiro sofre com os pequenos racismos estruturais. Em outra passagem do livro, ela questiona, depois de conversar com um homem negro sobre violência policial, se os brancos não entendem que a escravidão já acabou: “... *Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?*” Olhar para todo esse questionamento feito por Carolina Maria de Jesus e ver que a população negra ainda sofre com o racismo, com os resquícios da escravidão e com o poder avassalador do racismo estrutural, é acabar em um momento reflexivo repleto de ódio e desalento. Por mais que inúmeras pessoas lutem para acabar com esse tipo de crime, ele insiste em aparecer das mais diversas formas e nas mais diversas intensidades. A principal forma de acabar com isso é mexer na estrutura do país e acabar com os privilégios dos outros. Os brancos, no entanto, que são quem possuem os privilégios, o poder da lei e do dinheiro, não estão dispostos a rever os seus poderes.

Apesar de todas essas contrariedades Carolina Maria de Jesus se esforçava para ver pontos positivos em sua vida. Quando a fome, que realmente a desestabilizava, já não a atormentava tanto, ela mudava de discurso e conseguia apreciar os bons momentos em que tinha com seus filhos, na amizade com os vizinhos, com os

homens que a paqueravam mesmo ela não querendo eles em definitivo em sua vida. Mesmo sabendo que “(...) o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso.”, ela dizia “(...) ser muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.” Carolina era uma mulher que, mesmo nas dificuldades, tinha foco para conseguir realizar os seus objetivos. Em nenhum momento ela deixou de lutar pelos seus sonhos. Infelizmente, ter sido uma pessoa determinada não a fez sofrer menos. Por sorte ou destino, encontrou alguém que se interessou por seus relatos e a ajudou a publicar o seu tão sonhado livro.

Ainda que narrasse fatos desoladores, tristes, revoltantes a primeira obra de Carolina Maria de Jesus é de uma leitura fascinante e extremamente agradável. Em certos momentos quando ela narra o cotidiano dos vizinhos é possível soltar algumas risadas. O fato de gostar de ler transformou os relatos que seriam simples em uma prosa poética admirável. A sua obra de denúncia, a sua literatura marginal é transformadora e de relevância incontestável. Não foi por acaso que o livro fez sucesso no Brasil e acabou sendo traduzido para mais de dez línguas. Um sonho que transformou a literatura brasileira e sua vida, mas que não conseguiu mudar a realidade de outros.

O sonho virou "Quarto de Despejo", que denunciava os problemas afligiam a população negra, pobre e marginalizada do século passado, e que ainda hoje se faz presente para os indivíduos que estão na mesma posição dos seus antepassados. Foi uma denúncia que fez sucesso perante o Brasil e o mundo inteiro, mas que não teve soluções significativas, pois ainda há pessoas marginalizadas sofrendo, passando fome e sendo preteridas pelos políticos. Ainda existem negros sofrendo por serem que são. Carolina fez a sua parte, mas quem mais devia trabalhar pela mudança, insiste em olhar para o próprio umbigo e esquece das outras realidades ao seu redor. Principalmente do marginal, que não tem nome, mas tem voto.

No final, Carolina foi esquecida pelas editoras, pelo intelectuais. O seu esquecimento é um símbolo do que a sociedade brasileira faz com os negros e pobres que vivem nesse país. Para você ser lembrado, é preciso fazer algo extraordinário, e depois disso, se acharem que não vale mais apenas, acreditam terem o direito de descartarem você. Como um lixo qualquer jogado em um terreno baldio.

Cabe a nós, os seus semelhantes, não deixá-la cair no esquecimento outra vez. É preciso fazer com que negros, pobres e marginais não se sintam em quartos de despejos espalhados por todo país. Os favelados, com a ajuda de todas as parcelas da sociedade, precisam transformar os seus quartos de despejos em salas de visitas com lustres de cristais, tapetes de veludos e almofadas de cetim.

"Quarto de despejo - Diário de uma Favelada" é mais que recomendável. É uma leitura obrigatória para qualquer pessoa que habite esse vasto mundo.

Rita says

Carolina – Mulher – Negra – Mãe – Favelada – Catadora de Lixo - Escritora

Depois de ter lido O Sol na Cabeça de Geovani Martins tropecei neste Quarto de Despejo. A temática é a mesma, a vida nas favelas.

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, Minas Gerais, numa comunidade rural, neta de escravos negros e de pais analfabetos.

Aos sete anos recebeu “uma bolsa” de estudos de uma das freguesas da mãe. Fez os dois primeiros anos do ensino e desistiu. Mesmo assim adquiriu o gosto pela leitura e através deste hábito foi desenvolvendo a escrita.

Em 1937 a mãe de Carolina morre e esta resolve partir para a capital do estado, São Paulo. Entre empregos informais e trabalhos domésticos consegue ver um poema seu, em louvor de Getúlio Vargas, publicado no jornal “A Folha”.

Em 1947 mudou-se para a extinta favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, num momento em que começavam a surgir as primeiras favelas – hoje é onde se encontra o Estádio do Canindé cuja propriedade é do clube Associação Portuguesa de Desportos - construiu o seu barraco, utilizando madeira, latas, papelão e qualquer material que encontrava. Saía todas as noites para catar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a família. Quando encontrava revistas e cadernos antigos, guardava-os para escrever nas suas folhas.

Neste Quarto de Despejo, que não é mais do que um diário, ela esmiúça o quotidiano dos moradores da favela e, sem rodeios, descreve os factos políticos e sociais que via, detalha as suas dores e os absurdos da vida que levava em condições de extrema marginalização. Ela escreve sobre como a pobreza e o desespero podem levar as pessoas de boa índole a trair os seus princípios simplesmente para conseguirem comida para si e para as suas famílias.

Em Abril de 1958 Audálio Dantas, um jornalista do jornal A Folha da Noite, inicia as pesquisas para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e quando aborda os moradores daquele lugar todos eles lhe dizem que deveria falar com Carolina. No meio daquela miséria ele lê os textos de Carolina e resolve publicá-los assim mesmo, sem alterações, apenas com algumas correções para um melhor entendimento por parte dos leitores.

Presentes ao longo destas pouco mais de cento e cinquenta páginas estão a indignação, a pobreza, a marginalização, o racismo, os desgostos, a dor, a discriminação e fome, muita fome.

O sucesso deste livro foi grande mas rapidamente a autora voltou à sua condição de catadora de lixo.

A força deste livro não está na prosa mas na autenticidade com que foi escrito. É um livro triste e profundamente humano.

Como documento histórico tem um grande valor, mas como livro não vale grande coisa.

Historiadora Elena Pajaro Peres fala sobre aspectos da vida e obra da escritora

Victoria says

This is the MOST Gut wrenching thing I have ever read in my life. I have studied quite a few years about Brazilian culture and to be more specific I focused on studying the people from the favelas. Not entirely sure why I have always been so intrigued by this subject, I think because I wish I could help them all find a better way to live. And their stories of survival and struggling help put my own life into perspective and teach me to be more humble. I think this is why I plan to continuously revisit this subject in the future, I need to remind myself that I am privileged and I must always remain humble, and seek ways to help the people who are in need, because it seems to make my heart feel better when I do, even if I am a misanthrope.

This woman..... is more then a woman. She is a HERO, a role model, the epitome of a beautiful soul, courageous, strong, a bright fire from a cold dark place that should live on forever by being shared, and remembered for her strength.

Histteach24 says

I know it is a classic, and I feel for her plight-but this was tough to get through. I was amazed at how well versed she was for having had only a 2nd grade education. The repetitive diary entries were just agonizing to get through however. Read this for a school book list recommendation-for that purpose I would rate the book higher than 2 stars. Reading it for enjoyment would not be first on my list. For use in the classroom-she describes the life of the poor in Brazil beautifully. It is a raw account, and one that is probably rare to find in written form. Great piece of history.

I was devastated to research that her life after the book did not end well. I asked many of the same questions that critics did-why not demand money from the fathers of her children? Would she have run the risk of losing her children if she had?

Why refuse money when men offered? Was her pride her downfall in the end? As savvy as she seemed to be when it came to survival, did she lack the business sense to continue to profit from her book sale?

Yet the feminist part of me was proud of her for not lowering her standards and doing everything she could to provide for her children when so many others in the slums starved to death.

Can we really ever move away from our past-or is it always a part of us? In the end, do we die into what we were born?

Hillary says

This book is truly astounding because it's REAL!! It's like reading The Diary of Ann Frank. You can hardly believe that what you are reading actually takes place in this world.

In Canada we are so far removed from the destitute conditions that surround so many people that it's really hard to imagine the life of those people.

Child of the Dark is merely the account of the life of Carolina Maria de Jesus in the slums of Brazil. It talks about her struggle every single day to collect enough paper to sell so that she can manage to feed herself and her three children.

This novel astounds me because I cannot even imagine living like Carolina does. It moves me to want to do something to help change the world.

I hope others read this novel and are compelled to do acts that will benefit others less fortunate than they are.

Audrey says

This is a remarkably sad, tragic and eye opening book about life in the favelas(ghettos) of Sao Paulo, Brazil written by a woman who lived there with her three children.

This is a set of diaries written in the late 50's and 1960 and the description of how Carolina had to scrap by in the this ghetto to try to get food, clothes and soap, the necessities of life by selling scraps of paper and junk is just heartbreaking.

This book was very difficult to read because of the harsh living conditions that Carolina describes but I'm still very glad that I read it and I was deeply moved that in the midst of all the squalor and filth she is still able to write not only these diaries but also poetry and some novels.

It also made me appreciate how lucky I am and to realize that even though I may feel down once in a while there are people who fight a daily battle just to survive in this world.

Alessandra JJ says

O livro mais triste, real e sincero que eu já li. Nunca estive tão horrorizada com a crueldade humana. Leitura obrigatória para todos.

Jess says

Okay, here's my second-time-around review for *Child of the Dark* after GoodReads ate my first one. This probably won't be as good but I'll take one for the team and at least try.

Sigh. My life is so hard.

So I read this book for my Contemporary World History class while we were on the discussion of world poverty. My professor spent a good chunk of his life living in Colombia (different from Brazil obviously but still tackling similar social issues), and although he did not see the same slum-like São Paulo favelas pictured in de Jesus's diary, he saw the type of poverty that we don't really see in America. This book surprised me, because as students, we're used to being handed these memoirs and documents from benevolent, optimistic, spiritual sufferers of poverty whose brightness and warmth make us sympathize with their plight. To bring change, editors and publishers find diamonds in the penny piles and throw them at us to garner sympathy.

But why? People aren't perfect. Angry, bitter, nasty people still need food, water, and shelter; they don't deserve to live in squalor. And this is why I appreciate Carolina Maria de Jesus' perspective. She lives in a shack with her three children (all from different fathers), gathers paper scraps on the street to sell for a living, and just tries to get by, but she's intensely unlikeable. She's self-righteous, judgmental, hypocritical, and bitter--she condemns the *favelas* and curses the dirty people who live there, yet she's in the same exact situation. When people piss her off, she threatens to put their names in her book, which puts the reader in a weird position--are we just reading a big tattle-fest? Her perspective is unreliable at best--she insists grown men and women are rude to her children for no reason ("a man of 30 fighting a boy of 10," or whatever the ages are, comes up a lot), but with the way Carolina acts with the people she lives near, I can understand why these hungry and angry people hate her.

But this doesn't make me any less sympathetic. Carolina is virtually starving throughout most of her recordings--if she doesn't make the money, they don't eat, end of story. She's wasting away in some parts. This lends such an understanding of her cagey, crude behavior--who wouldn't hate the entire world in her situation?

This was a hard one to get through, but it's a *damn* important book.

